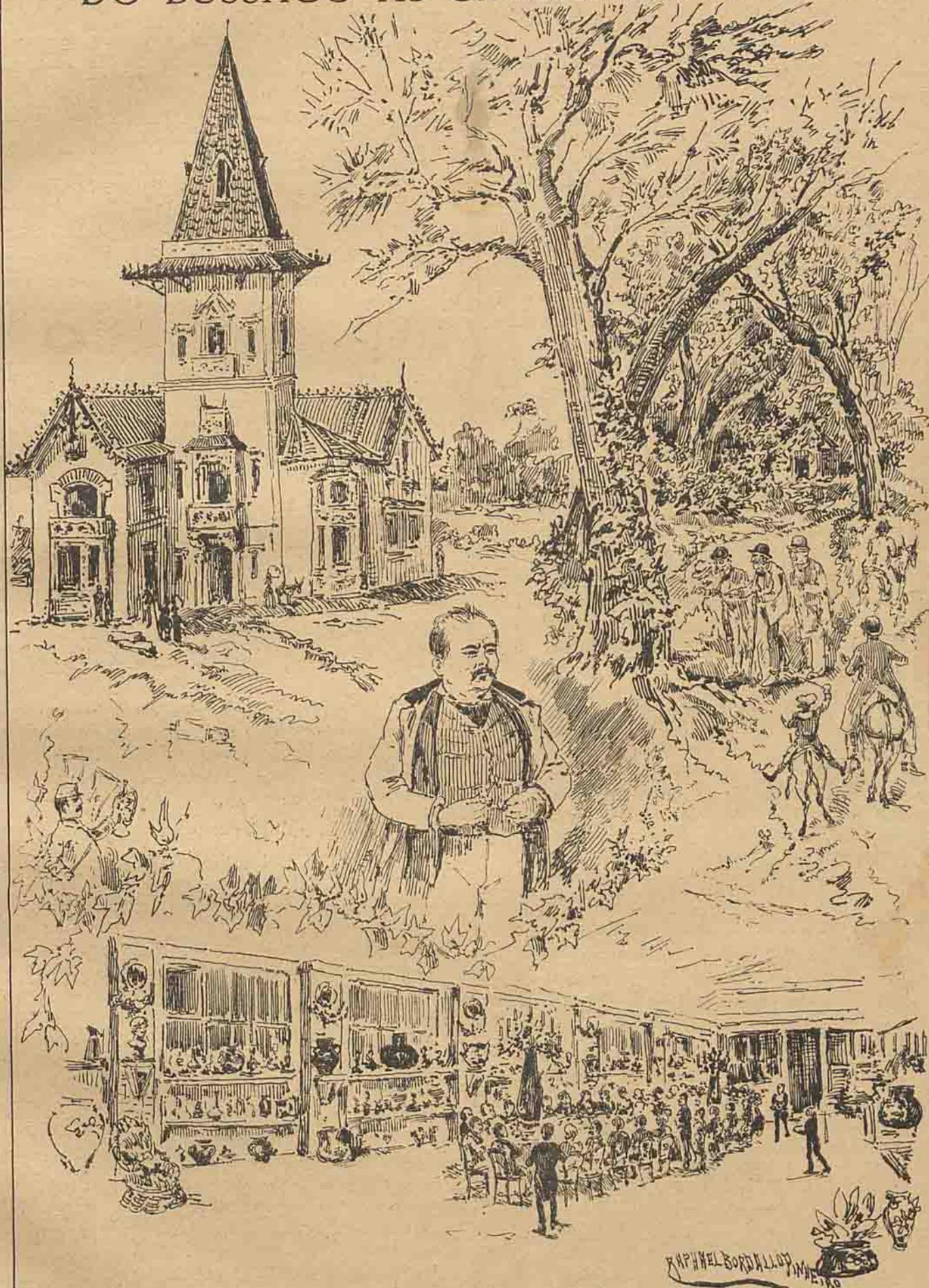


DO BUSSACO ÀS CALDAS DA RAINHA



Pelos jornaes já todos sabem quanto honrosa foi para nós a visita do sr. ministro das obras publicas á Fabrica de Faianças. Aqui lhe testemunhamos o nosso reconhecimento pelo apoio que dispensou a uma industria eminentemente nacional, — mostrando ao mesmo tempo aos nossos leitores o aspecto do palacete do illustre jornalista no Bussaco, como modêlo de bom gosto e elegancia, e tambem o aspecto da sala da Fabrica onde se realisou o jantar, e onde a empreza foi alvo das maiores demonstrações de sympathia e estima por parte do ministro, auctoridades e jornalistas presentes.

CHRONICA

O GRANDE SUCCI

Lá diz o dictado: Cada terra com seu uso... cada italiano com seu elixir! E o melhor da festa é que o italiano e mais o elixir acabam de conquistar em trinta dias uma celebridade europeia que muitos—sem elixir!—não conquistam em trinta annos.

O tempo está de rosas para estes senhores! Um pobre diabo d'artista, como este Bizet que escreveu a *Carmen*—uma obra-prima—morre pobre e ignorado de todos os seus compatriotas. Um pobre diabo de homem de sciencia como este sr. Chevreul, é necessario que chegue aos *cem annos* para que a attenção publica se volte para elle durante vinte e quatro horas, e a Europa inteira lhe pronuncie o nome por favor.

Mas surge um dr. Tanner, ou surge um Succi; surge um figurão qualquer tendo apenas talento na barriga, ou nas barrigas das pernas, e ai applausos! e ai enthusiasmos! e ai louvores e corôas de louro! que tudo é pouco para este senhor!

E a *Agencia Havas* que não se incommodou a darnos a noticia da morte de Flaubert, e a bella *Agencia Havas* que tão mal nos informou ácerca da doença de Victor Hugo, e este telegrapho que nunca nos diz a tempo aquillo que nós precisamos saber—passa as horas a dizer-nos como vaé Succi, a que horas Succi acordou, a que horas adormeceu, o que elle bebeu, o que elle tenciona beber e até mesmo o que elle não bebe!

E a multidão só pensa em Succi... — Coitadinho! Como estará aquelle Succi? Como estará elle? O que terá soffrido. Pae do céu! Como estará aquelle estomagosinho! Deus Nosso Senhor se não esqueça d'aquelle heroe... —

E os jornaes destinam-lhe columnas, e os jornalistas dedicam-lhe artigos, e os poetas dedicam-lhe odes—e todo o mundo falla em Succi, e toda a gente discute Succi, e Succi invade-nos de todos os lados que nós mesmo não podemos deixar de pegar em Succi, de o virar, de o discutir, de lhe publicar o retrato—porque Succi é o heroe da semana!



Olhemos, porém, com um certo cuidadinho, para Succi.

Elle acaba de passar por um jejum de *trinta dias* d'onde sae com 14 kilos de menos e um elixir de mais. O seu elixir tem por fim revolucionar todos os principios de economia, destruindo em nós a barriga, e met-

tendo-nos uma rolha na bocca á hora em que os mortaes costumam ter appetite.

Á primeira vista este elixir parecerá d'um grande alcance humanitario. Este liquido mysterioso vem dar cabo da fome, vem illiminar dos nossos habitos a vontade de comer.

O nosso olhar philanthropico volta-se immediatamente para a legião dos famintos, dos miseraveis, e vemol-os felizes, não tendo que pensar—graças a Succi!—na barriga que reclama imperiosamente pasto. E' realmente bello! Mas como Succi vaé pedir um preço fabuloso por cada decilitro do seu liquido contra a fome—os famintos continuarão a ser famintos, a disputar os ossos aos cães, e os ricos a banquetearem-se com champagne á meza dos restaurantes caros...



Pondo de parte o unico lado sympathico d'este elixir—o lado caritativo—que desaparece attendendo ao preço fabuloso por que Succi nos hade servir a sua droga—encaremos a coisa pelo seu lado criminoso e tetrico.

Se o elixir entra em moda, adeus goso! adeus prazer! Se ha coisa sobre a terra que nos faça dissipar tristezas, olhar para a vida com um bom sorriso de satisfação, ter enthusiasmos, alegria e arrebatamentos—essa coisa é sem duvida a meza.

Nenhum homem é mau diante d'um leitão assado. Nenhum credor é cruel diante d'um pato com arroz. Nenhuma mulher é feia diante d'uma perdiz truffada. Nenhum amanuense é triste diante d'um bife com batatas!

Illimnem a meza da face da terra, inventem um elixir para que os restaurantes fechem as portas, para que os bifés fiquem no corpo das vaccas, os queijos nas tetas das mesmas, o salmão no fundo dos rios e a lebre no fundo das moitas—e da terra terão desaparecido horas d'alegria, momentos de prazer, minutos de felicidade—e adeus expansões, adeus enthusiasmos regados com velho Porto, adeus arrebatamentos ensopados em cognac! Adeus tudo!...

E diante das nossas figuras esquelidas e amarellentas, e diante das nossas caras famintas, dos nossos estomagos cheios de mentira—erguer-se-ha a figura embirrenta, magrizella, chupada, do tal sr. Succi, de olhar falso e frio, de bigodes d'aza de gavião, empunhando o seu frasquinho de doutor italiano!



E não será isto um crime, e não será isto uma grandissima patifaria, como invenção, como intenção e como fim?

Que será de nós, no dia em que a nossa cosinha ficar deserta e o nosso fogão apagado?

Que será de nós, no dia em que nunca mais virmos as bellas mezas resplandcentes de fructos e de crystaes?

Que será de nós no dia em que dissermos: *Vamos elixir!*—em vez de dizermos: *Vamos jantar!*

Que será de nós, meu Deus! de nós que já temos um ar de filhos de enfermaria, de nós que já não somos alegres, de nós que já somos dispepticos, no dia em que regularmos o nosso jantar a gottas, os nossos banquetes a frascos...

Ai! os banquetes! Ai! os *menus!* Como serão os *menus* no dia em que fôr moda o elixir Succi? Como serão os *menus*?

POTAGE

Consommé de gotta Succi.

HORS D'ŒUVRE

Bouchés de gottas saucissons.

RELEVÉ

Gotta garni à la sauce hollandaise.

ENTRÉE

Mayonaise de gottas.

ROTI

Gotta truffée.

LÉGUME

Gottas à l'anglaise.

ENTREMET

Gotta russe à la vanille.

DESSERT

Glace aux gottas.

VINS

Gottas Succi tintas. Gottas brancas. Gottas velhas 1815.

E quando á hora do brinde se erguer o ancião para dar o signal do regosijo, o ancião fallará assim:

«Meus senhores. Peço licença para erguer a minha debil e não authorizada gotta, bebendo-a á patria e á civilisação.»

E os curiosos lambeão gottas por entre o ruido doido e entusiastico de frascos de botica que se arroham e se desarrolham.

Que lindo que isto ha de ser!...

X. X



A VERDADE Á CERCA DA CHEGADA DO SR. INFANTE D. AUGUSTO A LISBOA



Um facto do maior alcance, a que os jornaes comtudo não ligaram a devida importancia, foi o da chegada do sr. infante D. Augusto a Lisboa, que ao des embarcar no caes dos Soldados não encontrou sequer um soldado para lhe apresentar armas, quanto mais uma guarda d'honra, como a praxe e a altura de S. A. o exigiam.

Esse facto veio-nos provar que nós avançamos immensamente em questão de velocidade, nos nossos caminhos de ferro.

Ainda na vespera da chegada de S. A. as coisas se passavam do seguinte modo:

Annunciava-se a chegada do comboyo a uma certa hora, ás seis, por exemplo. A essa hora as pessoas que esperavam por algum amigo ou parente davam entrada na plataforma da estação. O comboyo estava annunciado para as seis. A's seis e meia um empregado annunciava que o comboyo tinha sido visto pelas alturas da Azambuja.

A's sete o mesmo empregado tranquillizava os animos, prevenindo que havia todas as razões para se supôr que d'ahi a uma hora o comboyo devia largar da Azambuja.

A's nove as pessoas cansadas d'esperar dirigiam-se ao buffete para tomar uma ligeira refeição.



De repente ouvia-se tocar uma corneta: — «Lá vem elle! Lá vem elle!»

As pessoas cansadas d'esperar corriam para a plataforma, alegres, contentes, ditosas, interrogando os empregados:

— E' elle, não é verdade? E' o comboyo do correio?

—Qual comboyo, nem qual diabo! Tenham a bondade de não impedir o transito, porque só agora foi visto em Villa-Franca.

Trim-tim-tim-tim! Trim! Trrrim!... E' o telegrapho em acção. São novas do comboyo.

—Onde está? Onde é que elle vem?...

E os empregados respondem:

—Vae partir de Villa-Franca!



OS FAMOSOS SUCCI



O outro jejuou trinta dias e perdeu quatorze kilos. O nosso Succi jejuou ha cinco mezes e ainda está alegre, e ainda tem pulso!

Passam-se algumas horas. As senhoras que esperam, foram dar uma volta pela Rua do Oiro e pela Avenida. Os homens foram até ás repartições, até ao Martinho da Neve.

Depois do meio dia, os que esperavam voltam ao Caes dos Soldados para saber novas do comboyo velho.



Chegou ao Poço do Bispo! Que rapidez! que velocidade! que vertigem! Já está no Poço do Bispo! Como o Poço do Bispo deve estar orgulhoso. Que satisfação, que honra para a terra, para o sr. Prior e para o sr. Deputado do circulo,

Chegou ao Poço do Bispo o comboyo do correio! Viva o progresso! Viva a alavanca da civilisação! Viva a aurora da liberdade! E vem uma commissão dos filhos do Poço do Bispo cumprimentar o chefe da gare, e mais o sr. machinista, saudando a coragem e a audacia de tão nobres emprendedores.



E as pessoas que esperam, á espera em Santa Apollonia. Mas eis que se ouve uma corneta. Oh! ceus! Que divino som. E' o signal! é o signal! E' o comboyo do correio que chega.

Como a machina corta veloz as distancias, como ella devora millimetros! Que machina! Hade-se-lhe erguer uma estatua... equestre!

De repente o monstro estaca. Eil-o que estaca, o monstro! Para qué? Para qué?...

Sóam seis horas da tarde. O monstro estaca para se reverem os bilhetes, para se pedirem os bilhetes aos passageiros.

Sóam sete horas, sóam oito, sóam nove. E o monstro nada!

Sóam dez horas. Ouvc-se um silvo na escuridão da noite. Os olhos do monstro aproximam-se.

Meia noite. Deus do céu! Os passageiros descem do wagon!

Hurrah pelo progresso! Hurrah pelo vapor! Hurrah pela velocidade, pela vertigem, hurrah!...



Ora isto passou-se ainda na vespera da chegada de S. A. Ora isto passava-se todos os dias que a Lisboa chegava um comboyo do correio.

E por um d'estes impetos do vapor que marcam epocha na historia dos povos, o comboyo de S. A. vinha apenas atrazado de seis horas.

Razão porque S. A. não teve o infavel goso de ver os seus soldados apresentando-lhe armas.

E mais sabemos que esta velocidade d'aquelle diabolico comboyo causou tonturas não só a S. A. mas a todos os passageiros, que passaram por Alverca com uma rapidez indescriptivel. Pelo que pedimos energicas providencias a todos os senhores directores.

Porque uma tal velocidade póde obrigar um dia um comboyo qualquer a chegar á hora!

Nem mesmo queremos profundar a serie de perigos e transtornos que um tal acontecimento poderia produzir no paiz!

X. X. X.



O ALMANACH DOS «PONTOS NOS II»



A alegria ainda é um dos prazeres dos deuses, e rir não occupa lugar, faz bem ao figado, e é seguramente muito mais salutar para o espirito do que uma pagina da philosophia panthiteista do sr. Cunha Seixas.

E' por tudo isto e por muitas mais razões que seria enjoativo expór agora, que nós amamos o riso, e gostamos muito mais de rir do que chorar.

E foi animado de taes sentimentos que não ficam mal a ninguém, que dois collaboradores dos *Pontos nos II* resolveram fazer o almanach d'este semanario para o anno de 1887.

Como de todo o panno se deve dar uma amostra, nós entendemos dar tambem uma amostra do genero que pomos á venda em todos os kiosques e livrarias do costume. O que vão ler e o que vão ver é uma pagina extrahida do nosso almanach, para o qual chamamos a attenção do publico que sempre nos tem acompanhado com sympathia e sempre nos tem dispensado a sua estima.



AS MEIAS



Arthur Raymundo Apparicio,
Caixeiro em loja de modas,
Segundo as praxes do officio,
Tem a sorte, o fado, o vicio,
De amar as freguezas todas!

Gosta das brancas, morenas,
De aspecto alegre ou sombrio,
Altas, mais baixas, pequenas...
— Amor que não soffre empenas
Lá por questões de feitio...



Mas, sobretudo, a Maricas
E' quem mais amor lhe antoja:
E' pudica entre as pudicas...
— E das freguezas mais ricas
Que usa comprar lá na loja...

Hontem, mirou tanto a *facha*
A' que no amor chama socia,
Que, descuidando uma caixa,
Houve alguém que fez mão baixa
N'um par de meias de Escocia!



Deu Apparicio p'lo roubo,
Porém não fez caras feias;
Disse até, n'um rir de bobo,
Que—d'amor celeste arroubo
Vale bem um par de meias...

«A' hora em que o sol se empina»
Foi p'ra rua—era domingo—
Vestindo a farpella fina
Em que o frasco de benzina
Nem deixa medrar um pingo



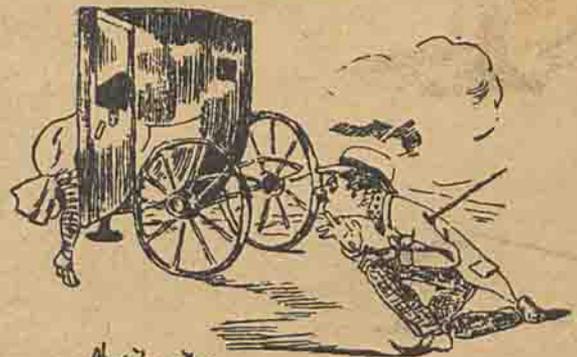
De medalha e de berloque,
Trauteando o *Rigoletto*,
Chega á rua de S. Roque,
Dos fics a vêr o estoque
Que sác da missa ao Loreto.

E' d'ali, que o seu amor,
A Maricas dos seus sonhos,
Hade as hombreiras transpôr,
Co'as bochechas, de pudor,
Mais vermelhas que os medronhos...



Elle espera impaciente,
— Sem ter um chapéu que o tape
Aos raios do sol ardente—
Do Loreto mesmo em frente,
P'a que a *diva* não lhe escape.

Eil-a emfim, no limiar,
P'lo braço da velha tia;
Não tarda vêl-a marchar.
Que o cocheiro faz chegar
O *coupé* da companhia...



Raymundo, posto d'além,
Nutre uma idécia damnada:
Quando ella subir ao trem,
P'ra frente curvar-se bem,
Vêr a gambia á namorada!...

A dama, em ligeiro surto,
Vôa do trem p'ra as cavernas;
E Arthur, no momento curto,
Bispa-lhe as meias do furto
Calçando-lhe ambas as pernas!!!

A SUBIDA PARA O PODER



Quando o forasteiro sobe para a Nazareth :

—O' meu nobre senhor, reparae para o triste estado do alcijadinho! Dae-lhe uma esmolinha, ó meu nobre senhor! Eu troco dezreisinhas!...

Quando o politico sobe para o Poder :

—O' meu nobre patrãozinho, reparae para o triste estado do vosso afilhadinho! Dae-lhe um empreginho, ó meu nobre patrãozinho! Eu troco um vótosinho!...